

## LI, MAS NÃO ENTENDI

Juliana de Sá França  
julianajornalista@yahoo.com.br  
<http://lattes.cnpq.br/1237331888381691>

### RESUMO

O crescente - inegável - destaque assumido pela Internet nas últimas décadas acena para uma nova ordem no comportamento humano, cuja palavra-chave é interação. Restringindo o olhar aos atrativos do *Facebook*, as chamadas *fan pages* possuem o caráter de 'comunidades virtuais', em que, divididas por assuntos, agrupam pessoas por meio de *likes* e abrem espaço para trocas de opiniões e, até mesmo, discussões mais calorosas. Diante disso, objetiva-se refletir sobre as práticas de letramento, que permitem aos sujeitos interação e participação ativa em sociedades e culturas diversificadas. Por meio dos estudos de Kleiman (2004, 2007) Soares (1998, 2004), Tfouni (2010) e Cassany (s.d.), toma-se por corpus exemplificativo, uma postagem realizada por um cantor brasileiro em uma *fan page* do *Facebook*. A análise realizada demonstra as (in)compreensões textuais de parcela dos internautas.

**Palavras-chave:** facebook; letramento; leitura

Como já exposto no resumo, busca-se refletir questões que perpassam as práticas de alfabetização e letramento. Para isso, toma-se por objeto de análise os comentários de uma publicação da *fan page* do cantor Tico Santa Cruz<sup>1</sup> no *Facebook*. Trata-se de um canal utilizado pelo artista para expor sua opinião sobre uma diversidade de assuntos que vão desde temas político-econômicos a sátiras de músicas. A interação entre o artista e seus seguidores<sup>2</sup> acontece por meio dos comentários publicados em que podem ser observadas as divergências de opiniões, o que configuraria a questão da 'individualidade' do internauta.

O caso selecionado aconteceu em 13 de junho de 2014, em meio às manifestações pela não realização da Copa do Mundo no Brasil. Nesse período, o cantor publicou um texto, acompanhado de um vídeo, que apresentava um pai que, ao reconhecer o filho em meio à multidão, o retirava à força da manifestação.<sup>3</sup>

---

1 O cantor é vocalista e líder da banda de rock Detonautas.

2 Denominação pertencente ao *Facebook* que designa as pessoas que participam de uma *Fan Page*.

3 Não será discutido neste texto o suposto caráter de montagem ou simulação da cena em questão.

Orgulho desse pai que conseguiu identificar o filho num protesto de Black Blocs pela camisa preta que usa na cabeça.

Isso sim é um pai que cuida de seu filho. Que conhece as roupas que ele usa, que é capaz de identificar entre tantos "mascarados" o seu próprio rebento. Olho de pai não se engana.

O diálogo entre os dois então?

Incrível!!!! Se me dissessem que foi um texto ensaiado, que foi uma cena de novela, eu JAMAIS acreditaria nisso.

Parabéns também ao cinegrafista e ao diretor de cena.

Sensacional o trabalho de vocês!!!!

Orgulho!!!! PAIS, fiquem atentos a seus filhos baderneiros e vândalos e palmada no bumbum deles!!!!

\*Vou torcer pelo Oscar pra vocês.<sup>4</sup>

Nestas reflexões lança-se olhar para a compreensão leitora dos membros da *fan page*, exposta nos comentários que seguem a postagem. O texto de Tico Santa Cruz, finalizado pelo enunciado "Vou torcer pelo Oscar para vocês", associado ao vídeo publicado, requer uma leitura atenta, sobretudo, em relação à ironia presente em toda a construção discursiva. O que chama atenção, e vem ao encontro dos objetivos do trabalho, são os comentários dos seguidores, que se dividem em dois grupos, pelo menos: 1) o daqueles que não compreenderam a ironia e 2) aqueles que ridicularizam os primeiros pela falta de compreensão. Veja-se o quadro abaixo:

Grupo 1	Grupo 2
"Concordo!!!! Eu conheço até o suspiro do meu filho, e enquanto ele for meu filho ele vai ter que me obedecer, claro que vou sempre educa-lo para isso, espero nunca ter que impor nada, porém se for necessário eu o farei com todo o vigor."	"Nem precisei ver o video (que já foi removido) pra entender a ironia, estudar um pouquinho de português não faz mal a ninguém, rs..."
"Também achei a atitude desse pai super legal !!! Eu como mãe de adolescente faria o mesmo e farei se necessário !!!"	"Lendo os comentários fica nítido, o Brasil PRECISA URGENTE investir em EDUCAÇÃO, é patético como as pessoas não sabem nada sobre figura de linguagem, muito menos interpretação de texto, lindo de se ver."
"coitado do pai ter q ver o filho participando dessa selvageria, porq isso nao e protesto nem aq nem na china!!!"	"Se o texto do Tico fosse uma questão (de interpretação de texto) na prova do Enem, muitos já teriam errado kkkk"

4 Postagem disponível em: <<https://www.facebook.com/ticosantacruz/posts/495283753937603>>

"Concordo com vc, Tico! Isto é um pai, o resto é conversa!"	"Tico Santa Cruz, toda vez que for sarcástico, vem nos comentários dar pistas, pra ver se o povo #mataAcharada...kkkkkk Alguns só entendem na base do "O que é, o que é"..."
---	---

Comentários extraídos de:< <https://www.facebook.com/ticosantacruz/posts/495283753937603>>

Não será discutido neste texto o posicionamento do artista ou dos internautas sobre a questão. Lança-se o olhar, apenas, sobre a compreensão leitora exposta nos comentários. A partir desta observação, nas seções seguintes, esboçam-se algumas reflexões sobre (multi)letramento e produção de sentidos.

## 1. Alfabetização x (Multi) Letramento

A facilidade de acesso e o uso das novas tecnologias permite às pessoas uma participação ativa no espaço virtual, denominado de ciberespaço; ambiente que permite a circulação de informações nas suas mais variadas formas.

Se o ciberespaço modificou a forma de relacionamento entre as pessoas e, entre elas e a informação, percebe-se que é determinante, neste processo, que os indivíduos aprimorem seus saberes e habilidades no que diz respeito à construção dos sentidos.

Como evidenciado pelo exemplo introdutório que embasa essa reflexão, a prática da leitura linear – ao esquema da esquerda para a direita, de cima para baixo –, não é suficiente para levar o sujeito à compreensão textual e, conseqüentemente, à produção de sentidos. Para Kleiman (2007, p.6) tal prática não contribuiria para a atuação social do indivíduo se o leitor "não conseguisse também atribuir sentidos aos textos que lê e escreve segundo os parâmetros da situação comunicativa." A combinação entre as diferentes linguagens apresentadas, a consideração do contexto e do papel do produtor discursivo, por exemplo, são fundamentais para a leitura crítica.

Nesta perspectiva, as práticas de leitura adotadas em sala de aula devem ir além da tradicional alfabetização, pois apenas o seu desenvolvimento não garante aos atores sociais inserção ativa em seus contextos. Segundo Tfouni (2010), a alfabetização é um processo individual e finito de aquisição do código escrito. Ou seja, o processo estaria ligado à codificação-decodificação do código linguístico, não, necessariamente, à produção de sentidos.

A partir da década de 1980, conforme apontam Saito e Souza (2011) pesquisas são empreendidas para verificar o impacto da escrita em diversas sociedades, inclusive sobre aquelas que não adotavam qualquer sistema de registro escrito. Ilustrando a situação, seria como lançar o olhar sobre indivíduos que, mesmo não alfabetizados, são capazes de tomar o ônibus corretamente ou realizar compras no supermercado.

Situações como essa acenam para práticas que vão além da codificação-decodificação do código linguístico e correspondem àquilo que se convencionou chamar de letramento, uma apropriação do termo *literacy*, da língua inglesa.

O surgimento do termo *literacy* (cujo significado é o mesmo de alfabetismo), nessa época, representou, certamente, uma mudança histórica nas práticas sociais: novas demandas sociais pelo uso da leitura e da escrita exigiram uma nova palavra para designá-las. Ou seja: uma nova realidade social trouxe a necessidade de uma nova palavra. (SOARES, 2011, p. 29, grifos da autora).

A necessidade de se repensar uma nova denominação para o processo de aquisição da leitura e escrita adveio, de acordo com Tfouni (2010), da tomada de consciência entre os linguistas de que havia algo além da alfabetização, mais complexa e, inclusive, determinante da primeira. Entre as diferenças mais evidentes percebidas nas concepções de alfabetização vs. letramento, reside aquela que aponta para o fato de que para a segunda abordagem, as habilidades de leitura e escrita superam a ordem da decodificação do signo, sendo imprescindível a inserção de ambas as habilidades aos contextos sociais de uso pelo falante.

A noção de contexto, então, passa de figurante à personagem central, isto é, o letramento é configurado como uma prática socialmente situada, cujos sentidos do código são sempre negociados entre os sujeitos ativos no processo de interlocução; a palavra adquire o contorno instituído pela orientação social do contexto de onde emergem e, modificam-se, conforme as alterações das condições sociais.

No Brasil, a autora Mary Kato (1986) foi a primeira a utilizar o neologismo exatamente para demarcar as distinções entre a alfabetização - processo individual de apropriação do sistema escrito – e letramento - o processo psicossocial da aquisição e do contato com a cultura escrita.

Atualmente, Soares (2004) discute essa dicotomia ao afirmar que é necessário reconhecer a interdependência entre os dois processos, pois a alfabetização só teria sentido quando inserida em contextos de práticas sociais de escrita e leitura, ou seja, em atividades de letramento. A autora aponta, contudo, duas dimensões para a prática do letramento: uma individual e outra social. A primeira aproxima leitura e escrita como habilidades linguísticas e psicológicas.

Já a dimensão social, é apresentada como conjunto de atividades sociais envolvendo a língua escrita, relacionada às funções pragmáticas da modalidade. Os estudos do letramento, para Kleiman (2007b), relacionam-se a essa dimensão social, pois se baseiam em concepções de leitura e de escrita como práticas discursivas, com múltiplas funções e inseparáveis dos contextos em que se desenvolvem.

Embora a noção de letramento apresente-se de forma ampla, o conceito também se insere em práticas educacionais e formais. Sobre esse aspecto, Rojo (2008) se vale da definição de Hamilton (2000), que classifica como letramentos dominantes aqueles inseridos nas práticas de instituições formais, como as da escola. Neste modelo o acesso ao conhecimento é filtrado e balizado segundo os objetivos pedagógicos.

Diante deste modelo, Tfouni (2010) preocupa-se com a redução da prática de letramento à alfabetização incorporada ao ensino formal, pois concebe letramento como um processo mais abrangente e que deve ser compreendido a partir de um contexto social. Kleiman (2007) compartilha da proposição de Tfouni (2010) e indica que a escola é apenas uma das agências de letramento, propiciando algumas de suas práticas.

Nesse sentido, ao refletir sobre o universo escolar, Kleiman (2007) aponta para o modelo autônomo de letramento, terminologia cunhada por Street (1984) para se referir ao que se pratica nas escolas. Este modelo acaba por se revelar como reducionista ao conceber a escrita como um produto completo em si mesmo, desvinculada de um contexto. Por outro lado, tem-se o letramento ideológico, que lança olhar sobre as diversas instâncias sociais - não apenas sobre a esfera escolar – ampliando seu alcance aos significados que a escrita assume no processo de interação entre as pessoas a partir da construção de sentidos estabelecidos entre elas.

Percebe-se que o ponto comum às definições sobre letramento relaciona-se à escrita. Em outras palavras, não é coerente conceber o termo dissociado da escrita, seja a partir da dimensão individual (aquisição da habilidade de ler e escrever), ou da dimensão social (que se deve a não dissociação da escrita na sociedade).

O impacto social da escrita, sobretudo em relação às transformações oriundas das novas tecnologias e dos novos usos da escrita são alvos de atenção. Para Kleiman (2007), esse foco amplia a noção do que venha a ser objeto de leitura, antes reservado para os textos literários, passando a abranger os textos do cotidiano, bem como o impacto desses sobre o homem.

O Grupo da Nova Londres, citado por Rojo (2008), põe em cena a pluralidade cultural e semiótica da leitura, indicando que, na sociedade multissemiótica contemporânea os letramentos são múltiplos. Nesta perspectiva, as reflexões sobre letramento apontam para a multiplicidade de linguagens nos textos em circulação: imagens, diagramação, áudio, entre outros recursos, impregnam e fazem res-significar os textos contemporâneos, sobretudo aqueles que circulam pelo ciberespaço; ousa-se afirmar que a prática de re-significação se dá, tanto ou mais, nos textos sustentados pelas redes sociais que os registrados em suportes tradicionais, como livros e revistas.

No exemplo da postagem de Tico Santa Cruz, têm-se dois textos que não devem ser considerados isoladamente, mas que precisam ser conjugados para que se estabeleçam as relações de sentido (explícitas e implícitas) necessárias para a sua compreensão. O texto escrito pelo artista só pode produzir sentido se aliado ao vídeo do protesto que o acompanha. Neste momento, tem-se a semiótica verbal entre áudio (falas do pai e do filho), imagens em vídeo (cenas do protesto) e modo verbal (texto de Tico Santa Cruz).

Conforme indica Rojo (2012, p.21), ao considerar os textos como multimodais, emerge a necessidade de multiletramentos, pois "são necessárias novas ferramentas - além da escrita manual (papel, pena, lápis, caneta, giz e lousa) e impressa (tipografia, imprensa) - de áudio, vídeo, tratamento da imagem, edição e diagramação." Assim, são requeridas novas práticas, que exigem, sobretudo, análise crítica do receptor/interlocutor.

### 3. A leitura crítica e construção dos significados

Quando se fala em construção de significados, não se quer dizer que o sentido seja único e esteja encerrado na perspectiva veiculada por sua materialidade. Tomando por empréstimo termos da Análise do Discurso, talvez, seja mais adequado falar em efeitos de sentido. Entender "quem" diz, "por que" diz, "como" diz e "quando" diz são pontos cruciais para que se perceba como o texto significa a partir das suas condições de produção.

Percebe-se que tanto os contextos de produção e circulação do texto como o de sua leitura interferem na compreensão, que passa a ser entendida como construção de sentidos e não como identificação ou inferência de um sentido já posto.

Quando o processo de significação é desencadeado, o leitor passa a compreender o texto. O ato de compreendê-lo é individual e ocorre segundo as condições de produção da leitura. As incompreensões podem ser motivadas, entre outros fatores, por problemas de (des)organização textual, por estranhamento ao vocabulário e, até mesmo, pela falta de clareza do exposto. Na mesma mirada, a incompreensão pode ser causada por limitações do próprio leitor, pois a compreensão está atrelada também às habilidades que o sujeito mobiliza e de seus esquemas cognitivos, por exemplo, frutos da inter-relação entre o sujeito e o meio social em que vive.

De acordo com Kleiman (2004), ao ler qualquer texto, o leitor aciona seu sistema de valores, crenças e atitudes que são reflexo do meio em que ocorreu sua socialização primária. Assim, toda leitura realizada é fruto do intercâmbio entre o conjunto de conhecimentos prévios do sujeito e a ideologia inerente ao texto. O ponto de intersecção entre as duas facetas é o momento da leitura crítica e a, conseqüente, construção de sentidos, entendida não como identificação ou inferência de um sentido dado.

Para Soares (1998, p.15), um mesmo texto implica infinitos textos de acordo com a leitura que se faça dele. Isso explica, por exemplo, como uma música pode significar de maneiras tão distintas para diferentes pessoas. Contudo, é conveniente fazer uma ressalva a partir da visão de Possenti (2001), para quem há múltiplas possibilidades de leitura, mas estas devem permanecer ancoradas no universo delimitado pelo texto.

É por isso que os comentários sobre a postagem do cantor na rede social chama a atenção: parte deles não demonstra não compreender a ironia presente na publicação e passa a atribuir aos ditos sentidos opostos.

Deve-se ressaltar que a ironia – ponto importante a ser percebido pelo leitor para uma compreensão pertinente do post de Tico Santa Cruz – liga-se diretamente ao contexto de produção em que o texto é enunciado; por meio de um jogo polifônico. Em outras palavras, essa manifestação da heterogeneidade do discurso, permite que o locutor escape às imposições de coerência da argumentação e produza um enunciado com dois valores contraditórios.

Observa-se que a publicação disponibilizada pelo cantor possui como mote o discurso e o contexto enunciativo veiculado pelo vídeo. O suposto "orgulho" com o qual Tico abre sua postagem não se sustenta, já nas primeiras linhas, ao afirmar que o pai reconheceu o filho pela camiseta preta, que cobria seu rosto, em um protesto realizado por um grupo que se veste de maneira muito semelhante justamente para dificultar o reconhecimento individual dos participantes.

Na sequência, o emprego de chavões, como "isso sim é um pai que cuida de seu filho" ou "olho de pai não se engana", bem como o emprego de termos em destaque ("jamais" e "pais") asseguram o jogo de palavras e ideias em que se enuncia algo com o intuito de que signifique de forma distinta do enunciado literal.

Koch (2000) indica que certas estratégias argumentativas podem ser adotadas para direcionar a leitura dos enunciados. Assim, a ironia torna-se ainda mais explícita quando o artista enuncia "Parabéns ao cinegrafista e ao diretor de cena. Sensacional o trabalho de vocês!!!!". Se o enunciador considerasse o vídeo expressão de um fato a ser enaltecido, não haveria razão para mencionar profissionais envolvidos com a dramaturgia, especialmente no caso do diretor de cena. O posicionamento do enunciado é ratificado ao final do texto escrito, por meio da observação "\*Vou torcer pelo Oscar pra vocês". A alusão à premiação fílmica universal pode ser considerada uma estratégia ativada, explicitamente, na estrutura textual pelo enunciador para atingir determinado fim, neste caso a garantia da compreensão da ambiência irônica de seu discurso.



A construção de significados é enfatizada por Marcuschi (1996), ao afirmar que compreender não é reagir aos textos, mas agir sobre os textos. Assim, compete ao leitor as tarefas de criar, recriar, fazendo leituras possíveis - autorizadas - ou não. As leituras realizadas pelo grupo 1, destacado na introdução deste texto, não se sustentam a partir do texto publicado pelo cantor.

Para Cassany (s.d.), a leitura crítica pressupõe a realização de inferências aliadas à reconstrução tanto do conteúdo quanto da ideologia presente no texto, conferindo a este um sentido em seu universo individual. "La comprensión crítica incluye la decodificación del texto (lo literal) y la recuperación de los implícitos (lo inferencial)" (CASSANY, s.d., p.25).

No caso que motivou as reflexões deste texto, observa-se que os leitores da publicação não obtiveram êxito no processo descrito por Cassany (s.d.), uma vez que não estabeleceram a relação e o distanciamento necessários entre o discurso do enunciador - declaradamente adepto das manifestações - seu próprio entendimento da questão. Os comentários indicam que parcela dos seguidores da fan page discordam do posicionamento do cantor, entretanto, não houve negociação dos sentidos ali presentes nem embates ou debates, pois o discurso foi tomado, em uma atitude ingênua, em seu sentido literal.

A leitura crítica não pode ser confundida como decodificação do código linguístico, sem reflexão aos estímulos oferecidos. É necessário aliar a tal prática múltiplos sentidos, realizar inferências e assumir posicionamento. É um processo dinâmico que envolve múltiplas estratégias. A postagem em questão alia elementos gramaticais, discursivos, imagens e um contexto específico que projetam uma ideologia que permeia o discurso de Tico Santa Cruz. Em sentido antagônico, surgem os comentários dos internautas do Grupo 1, que, sujeitos de carne e osso, como definição de Cassany (s.d.), apresentam seus pontos de vista – os possíveis.

Ler criticamente implica "tomar conciencia de cómo se posiciona el autor de estas palabras con relación a algunos conflictos que están presentes en nuestra sociedad" (CASSANY, s.d., p.24). Se a leitura crítica, de fato, tivesse sido realizada, os comentários refletiriam a discussão e o confronto entre tais pontos de vista, expondo as razões da

construção de determinado entendimento do assunto em detrimento de outras possibilidades, mas o que se viu foram posicionamentos A vs. B, sem que um diálogo surtisse desse impasse; o que revela um problema, pois a falta de elucidação faz perpetuar uma interpretação equivocada.

Ribeiro (2005) usa a nomenclatura escaneamento do texto para designar a busca dos leitores por pontos relevantes no texto. A prática pode ser perigosa, especialmente em contextos do ciberespaço, em que os recursos se complementam para a construção do significado. Alguns leitores podem ter incidido nesta prática no caso da postagem de Tico Santa Cruz. Lança-se a hipótese de que parte dos internautas tenha assistido apenas ao vídeo, ou tenham lido somente parte do texto e teceram seus comentários a partir de uma percepção parcial do que foi exposto.

#### **4. Considerações finais**

Atualmente, a agilidade na produção, circulação e consumo de informações implica mudanças significativas nas maneiras de ler, produzir e fazer circular textos na sociedade. Essas novas exigências multiplicam, grandemente, a necessidade da leitura pautada em práticas que visam o letramento, devido a variedade de textos que circulam socialmente.

As práticas de alfabetização isoladas não se apresentam mais como meios eficientes para atender a essa nova demanda que, como pôs o dedo na ferida, Rojo (2012) diz que já se estende há muito tempo, desde o papel se constituía na única forma de fazer circular as informações, por exemplo. É necessário ampliar e democratizar o acesso às distintas formas de letramento, extrapolando os gêneros comumente abordados na escola (resumos, questionários, narrações, etc.) para integrar os alunos aos gêneros advindos de outras esferas, como a do ciberespaço.

Assim, as práticas de leitura, conforme pondera Soares (2004), devem equilibrar o código linguístico e os sentidos que do texto emergem. Isolado da produção de sentidos, o código perde sua função. Os textos que circulam, conjugando diferentes linguagens, exigem capacidade crítica e engajamento discursivo de seus leitores. Eis, portanto, os desafios (não) novos a serem enfrentados pelos professores.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASSANY, D. **Prácticas letradas contemporáneas**: claves para su desarrollo. (s.d.)

Disponível em:

<[http://www.leer.es/wpcontent/uploads/webcast/documentos/practicas\\_letradas/conferencia\\_DanielCassany.pdf](http://www.leer.es/wpcontent/uploads/webcast/documentos/practicas_letradas/conferencia_DanielCassany.pdf)> Acesso em 15/06/2014.

KATO, Mary A. **No mundo da escrita**: uma perspectiva psicolinguística. São Paulo: Ática, 1986.

KLEIMAN, Ângela. **Oficina de leitura** – teoria e prática. Campinas: Pontes, 2004.

\_\_\_\_\_. Letramento e suas implicações para o ensino de língua materna. In: **Signo**. Santa Cruz do Sul, v. 32 n 53, p. 1-25, dez, 2007. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/download/242/196>>. Acesso em 12/02/2015.

\_\_\_\_\_. **O conceito de letramento e suas implicações para a alfabetização**. Fev, 2007b.

Disponível

em:

<[http://www.letramento.iel.unicamp.br/publicacoes/artigos/Letramento\\_AngelaKleiman.pdf](http://www.letramento.iel.unicamp.br/publicacoes/artigos/Letramento_AngelaKleiman.pdf)>.

Acesso em 12/02/2015.

KOCH, Ingedore Villaça. **Argumentação e linguagem**. São Paulo: Cortez, 2000.

MARCUSCHI, Luís Antônio. **Exercícios de compreensão ou cópiação nos manuais de ensino de língua?** (mimeo) 1996. Disponível em:

<http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/viewFile/1039/941>

POSSENTI, Sírio. **Sobre Leitura: o que diz a análise de discurso?** In: **MARINHO, M. Ler e navegar**. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

STREET, B. V. **Literacy in theory and practice**. Cambridge; New York and Melbourne: Cambridge University Press, 1984.

RIBEIRO, Ana Elisa. **Ler na tela** - Letramento e Novos Suportes de leitura e escrita. In: COSCARELLI, Carla Viana; RIBEIRO, Ana Elisa. **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

ROJO, Roxane. **O letramento escolar e os textos da divulgação científica** – a apropriação dos gêneros de discurso na escola. In: **Linguagem em (Dis)curso**, v. 8, n. 3, p. 581-612, set./dez. 2008.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia dos multiletramentos**. In: ROJO, Roxane. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SAITO, Fabiano Santos; SOUZA, Patrícia Nora. **(Multi)letramento(s) digital(s)**: por uma revisão de literatura crítica. In: **Linguagens e diálogos**. v.2, n.1, p.109-143, 2011.

SOARES, Magda Becker. **Letramento**: um tema de três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

\_\_\_\_\_. **Letramento e alfabetização**: as muitas facetas. Revista Brasileira de Educação, n. 25, Abril 2004, p. 5-17. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n25/n25a01.pdf>>.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e alfabetização**. São Paulo: Cortez, 2010.

#### **SOBRE A AUTORA:**

É licenciada em Letras Português/Espanhol, Mestre em Letras e Doutoranda em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (campus Cascavel). Atua como docente da graduação em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (campus Marechal C. Rondon).